

FARACO, Carlos A., ZILLES, Ana M. **Para conhecer norma linguística.**  
São Paulo: Contexto, 2017, 219 p.

**Clézio Roberto Gonçalves**

Doutor em Semiótica e Linguística Geral, professor da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP),  
Mariana, Minas Gerais, Brasil.

**Mariana Mendes Correa da Costa**

Mestranda em Letras: Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP),  
Mariana, Minas Gerais, Brasil.

**Valter de Carvalho Dias**

Doutor em Língua e Cultura, professor do Instituto Federal da Bahia (IFBA),  
Salvador, Bahia, Brasil.

O livro *Para Conhecer Norma Linguística*, de autoria de Carlos Alberto Faraco e Ana Maria Zilles, publicado pela Editora Contexto em 2017, traz em suas 219 páginas os principais questionamentos sobre ideia de *norma*, sobretudo na Língua Portuguesa, fazendo com que seus leitores compreendam o seu conceito em diferentes contextos, contribuindo para o ensino de uma língua que respeite, acima de tudo, as variedades.

Carlos Alberto Faraco é professor (aposentado) titular da Universidade Federal do Paraná. Possui experiência na área de Linguística com ênfase em Linguística Aplicada; seus livros e artigos muito têm contribuído para uma discussão sistemática sobre língua. Publicou vários livros, dentre os quais destaca-se *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*.

Ana Maria Zilles é professora titular de Linguística da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Dedicou-se atualmente a estudos da variação e mudança linguística, como também políticas linguísticas, aquisição da linguagem, dentre outros. Em cooperação com Faraco, publicou *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*, importante obra que discute a língua, especialmente no contexto escolar.

O livro ora comentado, além de uma breve apresentação, está organizado em quatro capítulos, a saber: (1) Norma: tecendo conceitos; (2) Norma: descrição e prescrição; (3) Breve histórico da normatização do português; e (4) Norma e ensino. Destaca-se ainda o caráter

pedagógico da obra, ao disponibilizar, no final de cada capítulo, leituras complementares e questões a serem respondidas.

Na **Apresentação**, os autores deixam claro que não é fácil compreender o conceito de *norma* nos estudos linguísticos, evidenciando dois conceitos que precisam ser bem entendidos ao longo da leitura: o de *norma normal* que se refere ao *o que se diz* e o de *norma normativa* que diz respeito a *o como se deve dizer*.

Os autores, logo nas primeiras linhas, defendem o estudo da língua articulado com as variedades linguísticas, enfatizando que as vozes dos alunos devem ser ouvidas e respeitadas no espaço da sala de aula. As variedades linguísticas tornam os falantes *camaleões linguísticos*, termo já utilizado por Faraco em seu livro, *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*, e retomado nesta obra.

O **primeiro capítulo** desenvolve melhor os conceitos mencionados na apresentação de *norma normal* e de *norma normativa*. A primeira diz respeito ao conjunto de traços linguísticos de uma determinada comunidade de fala, as quais estão atreladas também ao espaço (sócio)geográfico que os falantes ocupam, pois, o falar varia de região para região. Variam também de acordo com o acesso aos bens culturais e à cultura letrada. Mesmo as *normas normais* utilizadas pelos falantes respeitam algumas regras, uma vez que os falantes tendem a ajustar a sua fala aos diversos contextos de uso. Já a segunda, é considerada como a “[...] tentativa de regulamentar, controlar, normatizar o comportamento linguístico dos falantes em determinados contextos” (p. 12), remetendo-se ao que se entende como uma língua ideal, que cumpre com as normas e o seu “bom” uso.

Ao falar sobre essa segunda norma, os autores explicam a diferença entre *norma culta* e *norma-padrão*. A primeira se refere às normas utilizadas por um grupo de falantes que se denominam cultos. A segunda é a mencionada *norma normativa*. Eles ressaltam ainda que a realidade linguística brasileira é dividida em variedades cultas/prestigiadas e variedades populares/estigmatizadas.

No **capítulo dois**, os autores principiam dizendo que há uma separação entre *atitude descritiva* e *atitude normativa*. A primeira é vista como parte essencial das atividades

científicas, procurando explicar os fatos tais como realmente são. Enquanto a segunda é uma reação à heterogeneidade linguística, visando uma homogeneização.

Para a Linguística, todo fato que ocorre na língua deve ser estudado e valorizado. Os autores enfatizam em diversos trechos que os linguistas não são contra as normas linguísticas, apenas criticam as normas que são artificiais e impostas por uma suposta “língua correta”, questionando as regras que não tem relação com a realidade linguística.

No **capítulo três**, os autores fazem um passeio pela história da Língua Portuguesa para explicar as normatizações. Tratam da origem de seu nome, estabelecido no século XV. Faz também uma reflexão sobre as manifestações dessa língua na história, desde a oralidade que foi durante muito tempo o modo como a língua se manifestava, passando para a importância dada à escrita que só ganhou destaque quando o reino de Portugal passou a ter a necessidade de construir sua parte jurídica.

Os autores destacam D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique, filhos de D. João I, como tendo grande contribuição para as atividades culturais e linguísticas daquela época, pois eles eram intelectuais que liam, traduziam e possuíam manuscritos importantes. Os trabalhos desenvolvidos por eles acabaram contribuindo para o desenvolvimento de uma norma culta portuguesa que se baseava no “bom costume do falar”.

No **quarto e último capítulo**, os autores trazem possibilidades de como pensar os conceitos de normas no contexto do ensino. Eles argumentam que as crianças aprendem a adaptar suas falas de acordo com os contextos e para quem estão falando. Assim, é muito importante que o ensino da variação linguística esteja presente nas salas de aula. Os autores retomam alguns conceitos mencionados na obra para repensar a prática no ensino da língua, tais como o de norma-padrão, de certo-errado, de norma culta e de plenitude formal.

Para finalizar o livro, os autores dizem que esperam que tal material tenha sido um convite ao debate crítico sobre norma-padrão, para que as pessoas possam colaborar para uma melhoria no ensino de Língua Portuguesa. Em sala de aula se faz indispensável ouvir e respeitar as vozes dos alunos, suas dúvidas, anseios, seus valores, suas culturas. Assim, as aulas serão um momento de aprendizado mútuo. Os autores concluem afirmando que o ensino deve ser menos burocrático e mais criativo.